

PRÁTICAS CULTURAIS AFRO-BRASILEIRAS NA ESCRITA DIDÁTICA DE HISTÓRIA

Waldeci Ferreira Chagas
UEPB/NEABI-Campus Guarabira
waldecifc@gmail.com

Introdução

Antes de ser um material didático cotidianamente utilizado pelos (as) professores (as) para ensinar os mais variados conhecimentos na escola da educação básica, o livro didático é produzido em determinada sociedade e em determinado tempo, portanto, não é detentor da verdade, mas traz uma verdade, passível de ser questionada pelos (as) professores (as) e estudantes da educação básica, mas que nem sempre o critica. O conteúdo de que trata o livro didático se situa no campo da representação, visto ser produzido a partir de um lugar social, político, e cultural, por isso, sua essência possui uma carga ideológica nem sempre correspondente ao universo cultural de quem o utiliza como meio de aquisição e transmissão do conhecimento. Todavia, na maioria das escolas ele ainda é o único recurso utilizado por professores (as) e estudantes.

Logo, tomar o livro didático como fonte de pesquisa possibilita refletir sobre a produção do saber escolar na sociedade de uma época, e ao mesmo tempo discutir como este recurso contribui para a construção e manutenção de determinados valores e conceitos acerca dos diferentes sujeitos, o que se faz a partir das representações destes, suas ações e fatos em que estiveram envolvidos nos diferentes tempos e espaços. Desta feita também pode contribuir para a desconstrução das imagens dos sujeitos representados, basta que professores (as) e estudantes o utilize a contra pelo, ou seja, se coloque na condição de leitor sujeito, façam a crítica ao conteúdo veiculado e a partir de então construam outras versões e interpretações, sobretudo das representações dos sujeitos e das tramas históricas nas quais estiveram envolvidos.

Por isso, nesta pesquisa nos atemos a analisar o livro didático de História adotado/escolhido pelos (as) professores (as) do ensino fundamental menor da rede pública municipal de ensino da cidade de Alagoa Grande-PB. O livro didático em questão é “História”, este integra o “Projeto Buriti” e foi escrito por César da Costa

Júnior, Thelma Cademartori Figueiredo de Oliveira, Vanessa Gregorut, Regina Maria de Oliveira Ribeiro e Murilo José de Resende. Tal obra foi organizada pela Editora Moderna, e publicado em 2007. Trata-se de uma coleção voltada para estudantes do 2º ao 5º ano, do ensino fundamental I.

Desta feita os nossos objetivos neste texto são: analisar as representações das práticas culturais afro-brasileira em tal livro didático de História, no sentido de perceber se contempla ou não os pressupostos demandados pela lei 10.639/003; caracterizar que aspectos são valorizados nas representações que faz das práticas culturais afro-brasileiras; e analisar o conceito de cultura afro-brasileira.

Optamos por tal temática porque em janeiro de 2003, o governo brasileiro promulgou a lei 10.639/003, essa lei obriga as escolas da educação básica a inserir no seu currículo os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana. Acreditamos que essa medida tem causado uma série de mudanças no sistema educacional brasileiro, sobretudo, porque as instituições de ensino e os profissionais nelas envolvidos estão mudando as suas práticas pedagógicas, de modo a atentar para a diversidade étnico-racial que caracteriza o Brasil na perspectiva de que a educação para a igualdade racial se torne realidade na escola.

Escolhemos o livro “História”, do “Projeto Buriti” porque ele integra o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e foi publicado pós 2003. Esses critérios são relevantes porque são denotativos de duas questões: 1) a coleção passou pelo crivo da comissão do MEC, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Alagoa Grande-PB, e dos (as) professores (as) dessa rede de ensino, 2) a coleção traz conteúdos pertinentes às práticas culturais afro-brasileiras, visto que desde 2003 há uma exigência do MEC de que só faça parte do catálogo do PNLD os livros didáticos que contemplem tais conteúdos.

Alguns aspectos do livro didático como fonte de pesquisa

A obrigatoriedade de os livros didáticos trazerem os conteúdos de história e cultura afro-brasileira possibilitou as editoras lançarem no mercado editorial duas

modalidades de coleções de livros didáticos de História, cujo propósito é atender a demanda imposta pela lei 10.639/003.

De certo modo a nova realidade dos livros didáticos reflete o modo como às editoras e por conseguintes os (as) autores (as) professores (as) conceberam a implementação dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo da escola de educação básica.

Por sua vez tais produções didáticas têm influenciado os (as) professores (as) de História do Ensino Fundamental I e II, assim como os do Ensino Médio nas suas práticas cotidianas em sala de aula, a trabalharem com os conteúdos pertinentes a cultura afro-brasileira a partir das orientações recorrentes em tais livros.

A primeira modalidade de livro trata a cultura afro-brasileira, de modo direto e específico como se essa cultura se constituísse em mais um componente na grade curricular da escola. Portanto, os conteúdos de história e cultura afro-brasileira estão postos como se destinassem a um componente chamado Cultura Afro-brasileira ou História do negro no Brasil, quando de fato não existem tais componentes.

Esse tipo de livro não se refere às outras histórias, mas unicamente as práticas culturais afro-brasileiras, ou história do negro no Brasil. No entanto, alguns a colocam de modo isolado, sem conexão com as outras histórias ou contextos.

Uma característica relevante desse tipo de livro é o fato de ele pensar as populações negras no Brasil como detentoras de história, todavia o problema está em isolá-las, como se tais populações e a cultura afro-brasileira tenham sido experiências singular no Brasil com pouca ou nenhuma repercussão junto às outras culturas. Perdura a compreensão de que a cultura afro-brasileira tem pouca ou nenhuma presença na cultura brasileira, uma vez que quando se refere aos elementos culturais das pessoas negras na formação do Brasil, afirmam que as pessoas negras contribuíram, ao invés de dizer que elas estão presentes reinventando e inventando a cultura brasileira.

A segunda modalidade de livro trata a cultura afro-brasileira no contexto da história geral do Brasil. Ou seja, à medida que se refere ao processo histórico pelo qual passou o Brasil inserem os conteúdos pertinentes as práticas culturais afro-brasileiras correspondentes a cada tempo e espaço histórico.

Esse tipo de abordagem é uma evidencia de que tais práticas culturais não devem ser estudadas num componente curricular específico, mas implementadas no currículo escolar, o que garantirá às ciências humanas, a exemplo da história, artes, geografia, português, literatura e ensino religioso dialogarem em torno de uma questão comum.

O livro de que trata esta pesquisa se insere nesta segunda modalidade. Tal livro possibilita ao (a) professor (a) fazer conexão das práticas culturais afro-brasileiras com as outras culturas e histórias, assim como pensar as populações negras no Brasil como detentoras de história e cultura.

Todavia, é pertinente apontar para o fato de que nem todo livro didático que trata da história e cultura afro-brasileira, possui uma abordagem de história para além do eurocentrismo. Alguns que fazem parte dessa modalidade não fogem a perspectiva eurocêntrica de história, uma vez que colocam as práticas culturais afro-brasileiras como apêndice da cultura europeia. Com isso acaba reproduzindo a imagem de tais práticas como coadjuvantes, ou seja, uma prática menor, visto que ser vivenciada por uma minoria de pessoas, que habitam nas comunidades quilombolas, de terreiros e bairros periféricos dos grandes centros urbanos do país. Trata-se de uma prática cultural singular as pessoas negras e não comum aos (as) brasileiros (as).

De certo modo, os dois tipos de livros didáticos chegam à escola e influenciam a prática docente no trato com a história e cultura afro-brasileira. As experiências docentes com esses conteúdos em sala de aula tende a tratá-los a partir de duas vertentes. A primeira concebe a Cultura Afro-brasileira como mais uma matéria no currículo escolar, visto que dedicam uma hora/aula da carga horária total de História a trabalhar com esse conteúdo. A segunda experiência trabalha-a na relação com os demais conteúdos, e de modo articulado. Isso tanto é feito pelos (as) professores (as) que valorizam o processo histórico, quanto pelos docentes que trabalham com a metodologia da história temática.

No universo do livro didático de História e de como as práticas culturais afro-brasileiras estão didaticamente representadas, a coleção de livro didático denominado “História”, integrante do Projeto Buriti, objeto de análise desse trabalho não se constitui

uma coleção específica sobre as práticas culturais afro-brasileiras e história do negro no Brasil. Os quatro exemplares que compõem a coleção, ao longo das unidades temáticas trazem conteúdos pertinentes a tal cultura, os quais são dignos de análises, críticas e comentários.

A presentificação pela ausência: representação de pessoas negras e suas práticas culturais no livro didático de História

O trabalho com a imagem em sala de aula fascina, visto que induz o (a) leitor (a) para questões, nem sempre ao seu alcance. Com relação às imagens recorrentes as práticas culturais das pessoas negras, á primeira vista, a impressão é a de que a diversidade perpassa toda a obra. Com relação à obra em apreço esperávamos que as práticas culturais afro-brasileiras perpassassem toda obra, mas não foi isso que encontramos. Um exemplo está posto na primeira parte do livro do 2º ano, na unidade I intitulada **“Cada um tem seu jeito”**. Pedagogicamente o ponto de partida é a diversidade. A partir de então o propósito da unidade é levar estudante e professor a pensar a singularidade a partir do comportamento e atitudes dos indivíduos. No entanto, limita a questão ao universo cultural da mulher e do homem branco. Em contrapartida as práticas culturais afro-brasileiras são negadas, pois não mostra o modo de ser de homens negros e mulheres negras. Ou seja, o modo de ser dos brasileiros é pensado a partir dos referenciais das pessoas brancas e não da diversidade etnicorracial; característica do Brasil.

Assim as práticas culturais afro-brasileiras no livro didático são tratadas de modo espacial, e pontual numa ou noutra unidade temática. Há determinadas unidades que tal conteúdo mereceria ser discutido, no entanto, não está presente. Um exemplo disso é a discussão sobre “família”. Não há imagem de famílias afro-brasileiras, apenas europeias, indígenas, e orientais.

No livro do 3º ano a discussão acerca da diversidade é diluída, no entanto, o texto introdutório afirma aos estudantes: “você vai perceber, com este livro, que a história é feita por todos nós, todos os dias...”. No entanto, as imagens recorrentes não fazem referências às práticas culturais afro-brasileiras não trazem traços e referências

das pessoas negras, o que impossibilita os estudantes negros de se reconhecerem como construtores e partes da história do Brasil.

No capítulo 1 da unidade I, os sentimentos humanos são discutidos, especificamente as questões de convivência, respeito e solidariedade, todavia, a imagem ressalta unicamente uma família branca numa comemoração de aniversário.

Na imagem não há referências à família compostas por pessoas negras. Tal imagem é extremamente contraditória a realidade brasileira, sobretudo, dos estudantes que acessam tal livro, haja vista, milhares de famílias brasileiras serem formadas por pessoas negras.

Com relação ao sentimento de solidariedade, a imagem retrata um garoto branco que oferece a cadeira para uma senhora sentar, assim como o garoto, a senhora é branco, o que passa a imagem de que “só as pessoas brancas sabem ser solidárias” (p. 10).

Na sequência é proposta uma atividade com relação às diferenças. Na atividade são apresentadas crianças de várias etnias com seus respectivos costumes, e faz a seguinte indagação: “observe as situações representadas nas imagens, qual dessas crianças poderia ser seu amigo ou amiga?” A perspectiva é a de que todas as crianças pudessem, mas a sugestão é a de que escolha uma.

Uma questão que pode dificultar os estudantes fazerem suas escolhas é o fato das crianças negras serem representadas de modo caricaturado e exageradas em relação às demais. Se a proposta é discutir as diferenças das pessoas a partir dos traços físicos, não se realiza, uma vez que as crianças negras estão caricaturadas (p. 11).

No capítulo 3, intitulado “Tempo de responsabilidade”, o termo “todos são responsáveis” se refere, de modo geral a todas as pessoas, no entanto, as imagens recorrentes são de pessoas brancas, as pessoas negras foram excluídas. Nesse contexto só quem tem responsabilidades são as pessoas brancas? (p. 14). A perspectiva de exclusão se repete, quando na atividade sugerida apenas crianças brancas são representadas vivenciando sentimentos, como amar e ser amada. As crianças negras não são detentoras de tais qualidades? (p. 15)

Na imagem de um grupo de crianças em sala de aula, a maioria das crianças é composta por brancos, apenas duas crianças são negras. Na imagem o foco central são

as crianças brancas, enquanto uma negra figura no canto da página o outro está de costas e mal o leitor o percebe. Mesmo que haja repetição da imagem o lugar dos negros não muda, ele continua invisível (p. 18).

As imagens se não forem lidas a contento e de modo crítico só intensificam a ideia de inferioridade das pessoas negras, e a crença de que as pessoas brancas decidem enquanto os “poucos negros existentes concordam” e não reclamam (p. 19).

Na unidade II, intitulada “O tempo não para”, a discussão sobre o tempo é pensada a partir da família, mas uma família branca. (p. 20).

Na imagem que ilustra essa unidade aparece uma mulher negra posta à frente de uma escola, porém não se sabe qual a sua função na escola, visto que a mulher branca em virtude de sua posição no plano fotográfico, supostamente é a diretora ou professora (p. 21).

De certo modo o livro passa a imagem de que a vida das pessoas negras ao longo do tempo não mudou. (p. 22). Para tanto, é sugerida a atividade aonde o estudante a partir da observação das características físicas de algumas crianças brancas escreva sobre as transformações ou mudanças que verificou, por exemplo, em Sofia, Tomás e Isadora, personagens da trama.

A linha do tempo traz a trajetória de vida das personagens desde o primeiro ano de idade até os oito anos, Sofia aparenta ser uma ruiva, Tomás tem traços orientais e Isadora uma loira. Não há referências às crianças negras, exceto na fita com a palavra atividade exposta no início da página (p. 23).

A ausência de crianças negras na imagem é ilustrativa da falsa ilusão sobre a realidade das crianças que acessam tal conteúdo, uma vez que reforça a ideia de que só as pessoas brancas tiveram suas vidas mudadas ao longo do tempo (p. 24).

O livro reproduz a ideia de inferioridade das práticas culturais afro-brasileiras. O primeiro aspecto a ser observado e discutido diz respeito à representação que faz das pessoas negras. Essas geralmente são representadas de forma caricata e deformadas.

O segundo aspecto, evidente é a posição das pessoas negras nos contextos onde a cultura afro-brasileira é a discussão central ou principal. Na maioria das imagens as pessoas negras estão à margem na página do livro e em relação ao tema discutido e as

outras pessoas. Outras condições são as seguintes: as imagens de pessoas negras estão fora de foco, escondidas por trás de algum objeto ou uma pessoa branca, localizadas no final da página, quase invisível e imperceptível aos olhos do (a) aluno (a) e professor (a).

Estas condições não são aleatórias, portanto, é relevante serem discutidas por alunos (as) e professores (as) em sala de aula, uma vez que elas acabam reproduzindo ou reforçando o imaginário social e pouco contribui para a transformação da representação social dos sujeitos. Por isso, é importante que professores (as) questionem. Que visibilidade é essa? Sabemos que os livros didáticos são transmissores de conteúdos, mais também de ideologias. Por isso é importante que em meio à discussão dos conteúdos pertinentes a cada unidade, professor e alunos (as) parem para pensar sobre como as pessoas negras estão representadas no livro didático que eles estão usando em sala de aula, e atentem para as seguintes questões: a qualidade da imagem, disposição das pessoas negras nas páginas do livro em relação às outras pessoas, posturas, tamanho da imagem e os tipos sociais representados.

Formulamos tais questionamentos porque referenciar as práticas culturais afro-brasileira no livro didático de História não é apenas pontuá-la, não é apresentar as imagens das pessoas negras de modo descontextualizado e, sobretudo simplificar tamanha cultura a uma manifestação ou outra, a exemplo da capoeira ou do candomblé. Fazer referência às práticas culturais afro-brasileiras é compreender a sua interação/integração com o mundo, e considerarmos a extrema participação dos povos africanos na formação da sociedade brasileira. Pois o que seria o Brasil sem a presença dos africanos?

O livro didático é por excelência, produto e produtor de discursos e mesmo que procure referenciar as práticas culturais afro-brasileiras de modo positivo, nem sempre consegue romper com o conceito de cultura restrito apenas a expressão artística onde se ressalta o corpo das pessoas negras, a vestimenta de caráter exótico e a criação material, como se as mesmas fossem despossuídas de intelectualidade.

Assim, nega-se que os sujeitos negros historicamente tenham formado famílias, e desenvolvido a cultura na perspectiva da intelectualidade, a exemplo das habilidades para as letras e a tecnologia.

No geral as práticas culturais afro-brasileiras frequentemente estão associadas ao mundo do trabalho, mas ao trabalho braçal e escravo. Tais condições são resultados do que (BURKE: 2004) denomina de “estereótipo do outro”. Nesse exercício o outro a todo o momento é prejudgado para o bem ou para o mal, segundo o olhar de quem enxerga, e como também o observa (SILVA: 2005). Todavia os estereótipos geram os preconceitos, que se constituem em um juízo prévio, em virtude da ausência real de conhecimento do que se denominou chamar de outro.

Acerca dessa questão no livro didático de História do 3º ano: não se vê nas imagens referência a uma família negra, nem que seja no modelo nuclear. As imagens recorrentes de famílias expostas nesse livro são sempre a famílias nuclear branca. As pessoas negras aparecem de modo descontextualizado, o que passa a impressão de que são criados por “autogênese”, conforme concluiu (OLIVA: 2003). Afora isso as pessoas negras são representadas na condição de inferiorizada, o que reforça a ideia de que historicamente sempre ocuparam tal condição social. Logo, essa condição é estática e imutável, portanto, natural.

Conforme já afirmamos na categoria trabalho as representações sobre as pessoas negras são mais recorrentes. Porém ao longo de toda a coleção de livro apenas numa imagem a representação da pessoa negra está relacionada ao trabalho tecnológico, o que não deixa de ser um avanço, mas é uma aparição pequena e descontextualizada do tema discutido no capítulo. Esse tipo de representação não ocorre quando a categoria trabalho volta a ser discutida em outros capítulos, pois ao longo das outras imagens as pessoas negras aparecem associadas ao trabalho braçal, bruto, pesado e nas funções socialmente desclassificadas e mal remuneradas. De certo modo naturalizam-se tais funções como sendo recorrentes das pessoas negras.

Fica evidente que quando as pessoas negras são representadas através das funções menos qualificadas se esboçam e se apresentam a ideia limitada acerca destas pessoas.

Logo, o texto que persegue as imagens não as problematizam, visto que estão postas como textos imagéticos e são passíveis de leituras, críticas e outras elaborações textuais, que nem sempre são compatíveis com o que está implícito ou explícito nas páginas do livro didático. Nesse sentido, deixá-las passarem despercebidas contribui suficientemente para alimentar estereótipos que perduram no imaginário de quem os assimila. Por isso, professores (as) e alunos (as) precisam fazer uma releitura das imagens das práticas culturais afro-brasileiras expostas no livro didático à contra pelo e assim colaborem para desmistificar as ideias deturpadas ainda recorrentes no livro didático e que acabam sendo reforçadas nas aulas de História. Nessa perspectiva (CHARTIER, 1985) pontua que:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1985, p. 17).

A existência da lei 10.639/003 e a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo das escolas da educação básica não é a garantia de rompimento com a representação das práticas culturais afro-brasileiras como prática associada ao trabalho braçal e escravizada. “Essa situação nos mostra que não é suficiente ter uma lei, é necessário que haja vontade política e principalmente a mobilização da sociedade civil para garantir a sua implementação” (SILVA, ALMEIDA. Revista fatos e versões/nº 3, p. 130).

Trabalhar com as imagens das práticas culturais afro-brasileiras existentes no livro didático de História exige atenção de professor (a) e aluno (a). Numa leitura quantitativa das imagens dessa cultura recorrentes no livro analisado, evidenciamos que as pessoas negras estão representadas 24 vezes e a maioria das imagens trazem representações cujas pessoas negras são despossuídas de dois aspectos relevantes, quais sejam humanidade e cidadania. Um número extremamente inferior se compararmos a organização do livro em 09 unidades temáticas com 112 páginas.

Outro aspecto intrigante nas imagens proposital ou não é o fato de que tanto as pessoas negras quanto as indígenas têm suas imagens “inventadas”, pois são sempre desenhadas ou retratadas por uma obra artística, diferente das pessoas brancas que são apresentadas nas suas condições físicas “normais” através dos registros fotográficos, perpassando assim a ideia de verdade e realidade. Como se as pessoas negras não tenham vivido no tempo da fotografia ou nunca tenha se utilizado dessa arte para registrar seus momentos cotidianos ou tenha sido fotografada. Essa questão é pertinente, porque mesmo para as discussões das questões contemporâneas, as pessoas negras são representadas através de caricaturas e não de fotografias.

No livro indicado para o 4º ano é pertinente na página de abertura à imagem de um griots. Trata-se de um sujeito cultural africano, mas o texto não faz nenhuma menção a isso. Apesar de a imagem se referir a uma prática cultural africana e que está presente na cultura afro-brasileira, na pessoa dos idosos (as), está descontextualizado historicamente. Esse mesmo tipo de procedimento acontece com a representação da capoeira. Apesar de se tratar de uma expressão cultural dos brasileiros, principalmente das pessoas negras, essa prática cultural não possui história.

No capítulo 2, da IV unidade, intitulado “A vida nos engenhos coloniais”, retrata a tradicional condição de escravizado a que as populações negras no Brasil foram submetidas.

Na página abaixo, e num plano menor a imagem retrata a condição social da mulher negra, posta como subserviente a mulher branca, visto que carrega nas mãos um pote, naturalmente com água para abastecer as casas grandes.

Mesmo que a pessoa negra seja representada na condição de escravizada, na imagem o negro escravizado é aprisionado e carregado pelo capitão do mato, que também é negro. Nessa imagem há a oportunidade de se trabalhar a resistência negra ao escravismo, ou seja, a fuga individual. No entanto, é pertinente colocar que essa condição está implícita e para que a resistência possa ser trabalhada será necessária que o (a) professor (a) faça uma leitura crítica e apurada de tal imagem. A imagem também reforça a ideia da pessoa negra na condição de escravizada e atrelada ao trabalho braçal, pesado e importante ao processo de produção de açúcar.

O livro do 5º ano traz uma série de imagens referentes às práticas culturais afro-brasileiras; nelas as personagens negras estão todas envolvidas diretamente no trabalho, ou seja, executam as diversas funções importantes ao processo econômico do Brasil e a acumulação de capital. As imagens fazem referências à “produção de açúcar em um engenho do século XVIII” e remete a questão da submissão das pessoas negras à condição de escravizadas, pois são representadas trabalhando no corte da cana e produção de açúcar. A ideia recorrente é a de que todos aceitaram tal condição como se fosse uma prática natural das pessoas negras. Por isso, estão representadas na condição de escravizadas e inseridas na labuta diária do engenho ou fazenda.

No processo de produção de açúcar nos engenhos homens negros desmatam a floresta atlântica para dar lugar aos canaviais, e são vigiados por capatazes brancos. A presença dos capatazes é uma evidência de que as pessoas negras e escravizadas não aceitaram tal condição, e reagiram. Se tivessem sido pessoas passivas e subservientes a autoridade dos senhores e senhoras, qual a razão dos capatazes estarem sempre bem armados?

Essa mesma perspectiva de compreensão está nas imagens de pessoas negras escravizadas na exploração do ouro, elas também são vigiadas por capataz. Certamente os senhores temiam que as pessoas negras quando se juntassem para trabalhar em qualquer uma das atividades se rebelassem contra as suas ordens. Por isso, a presença dos capatazes; figuras que representavam à ordem e a autoridade dos senhores de escravos. A ideia de ordem é evidente porque o tal homem traz na mão o chicote e é colocado como uma pessoa superior às pessoas negras; colocadas como dispostas ao trabalho e, embora não faça referência as suas verdadeiras capacidades, a ideia recorrente é a de que tais pessoas possuíam aptidão para o trabalho pesado.

No livro do 5º ano – são mais recorrentes as imagens sobre os elementos africanos no Brasil, e a configuração da cultura afro-brasileira. A primeira vista um desenho, cuja autoria é desconhecida apresenta um africano sem ação, apenas demonstra sua diferença na forma de comportar-se, vestir-se, e utilizar instrumentos musicais. Não há conexão da ilustração com o texto que convida o (a) aluno (a) a descobrir a participação ativa de todos no processo histórico. Não se pode negar que a

intenção é mostrar a participação do africano na história, todavia a posição em que é representado, sentado de pernas recolhidas não possibilita o entendimento de que o africano tenha efetiva participação na construção da história da humanidade.

Mesmo que o livro didático de História contemple a cultura afro-brasileira como conteúdo, nem sempre isso significa dizer que este rompa com os tradicionais estereótipos.

A historiografia sobre cultura afro-brasileira desde a década de 1980 mudou de perspectiva e novas discussões foram fomentadas, mas costumeiramente essa cultura ainda é representada como inferior e atrelada ao eurocentrismo. Assim a imagem recorrente no livro didático aponta para o conceito de cultura que está associado ao trabalho braçal onde a força física é usual, ao invés do trabalho intelectual, que exige reflexão, análise e criação. A partir dessa perspectiva de cultura, as pessoas negras não são representadas no livro didático como produtoras de conhecimento. Mesmo que a cultura afro-brasileira seja contemplada e valorizada ela ainda é concebida como apêndice e não protagonista, onde o corpo é valorizado em detrimento a mente e ao intelecto.

Os livros didáticos ainda trazem representações sobre as práticas culturais afro-brasileiras, que não a trata como cultura em si, mas como resultado do contato dos europeus com os africanos ainda na África e depois da sua inserção no Brasil. Ou seja, trata-se de uma perspectiva de cultura que não se desvencilha do olhar europeu.

A imagem recorrente é a de que sem Portugal não haveria Brasil, e não haveria cultura nessa terra. Por isso, as expressões das pessoas negras não são colocadas como protagonistas, mas como coadjuvantes.

Como o livro didático é um produto cultural, não está isento dos valores e ideologias dos grupos sociais dominantes. No entanto, não lhes pertencem, mas trazem representações das práticas culturais destes grupos que acabam legitimando ou não o lugar de cada sujeito social no palco da história. Ultrapassar a esse modelo de compreensão depende do modo como esse recurso será lido, e a partir de que perspectiva.

Todavia, isso não significa dizer que as práticas culturais nele representadas sejam totalmente incorporadas por estudantes e professores (as), haja vista esses dois segmentos serem leitores (as) cujas experiências de vida interferem na qualidade do que eles leem e na maneira como interpretam e concebem as grandes questões.

O ato de ler permite que estudantes e professores (as) se associem e se identifiquem ou não as imagens e as representações recorrentes no livro didático. Como não existe um livro didático ideal, compatível a cada escola e a cada tipo de estudante, fica a cargo do (a) professor (a) fazer tal compatibilidade e assim despertar no estudante o senso crítico frente às imagens e as representações da cultura afro-brasileira.

A perspectiva é a de que o livro didático seja usado nas aulas de História como um pré-texto e não como o detentor da verdade absoluta. Portanto, é passível de crítica, interpretação e deve ser cotidianamente reconstruído por estudantes e professores (as), à medida que ambos se posicionarem frente às afirmações acerca das grandes questões históricas.

Referências

BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. – Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.

DAVIES, Nicholas. **Livro Didático**: apoio ao professor ou vilão do ensino de História (?)

FARIA, Ana Lúcia G. de. **Ideologia no livro didático**. São Paulo: Cortez: 1989.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. (org.) **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica 2006.

FREITAS, Ivana Silva. **A cor da metáfora**: o racismo no livro didático de Língua Portuguesa. João Pessoa: UFPB, 2009. (Dissertação de Mestrado em Letras).

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

GARRIDO, Mirian Cristina de Moura. Lei 10.639 e programa nacional do livro didático: limites e possibilidades de incorporação/renovação de conteúdos dos livros didáticos do ensino médio pela perspectiva do edital de convocação do PNLD. IN: **Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO: Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro, 2010.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita a história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro/Sumus, 2005.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.

Ministério da Educação. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: SECAD/MEC, 2009.

NEVES, Joana. “A questão do negro no Brasil e no ensino de História”. In: **Revista do CCHLA**. João Pessoa: Editora da UFPB, nº 03, novembro/1995.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A história da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. IN: **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, ano 25, nº. 3, 2003.

SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANAGA, Kabengele (Org). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SERRANO, Carlos & WALDMAN, Mauricio. **Memória d África: a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2007.